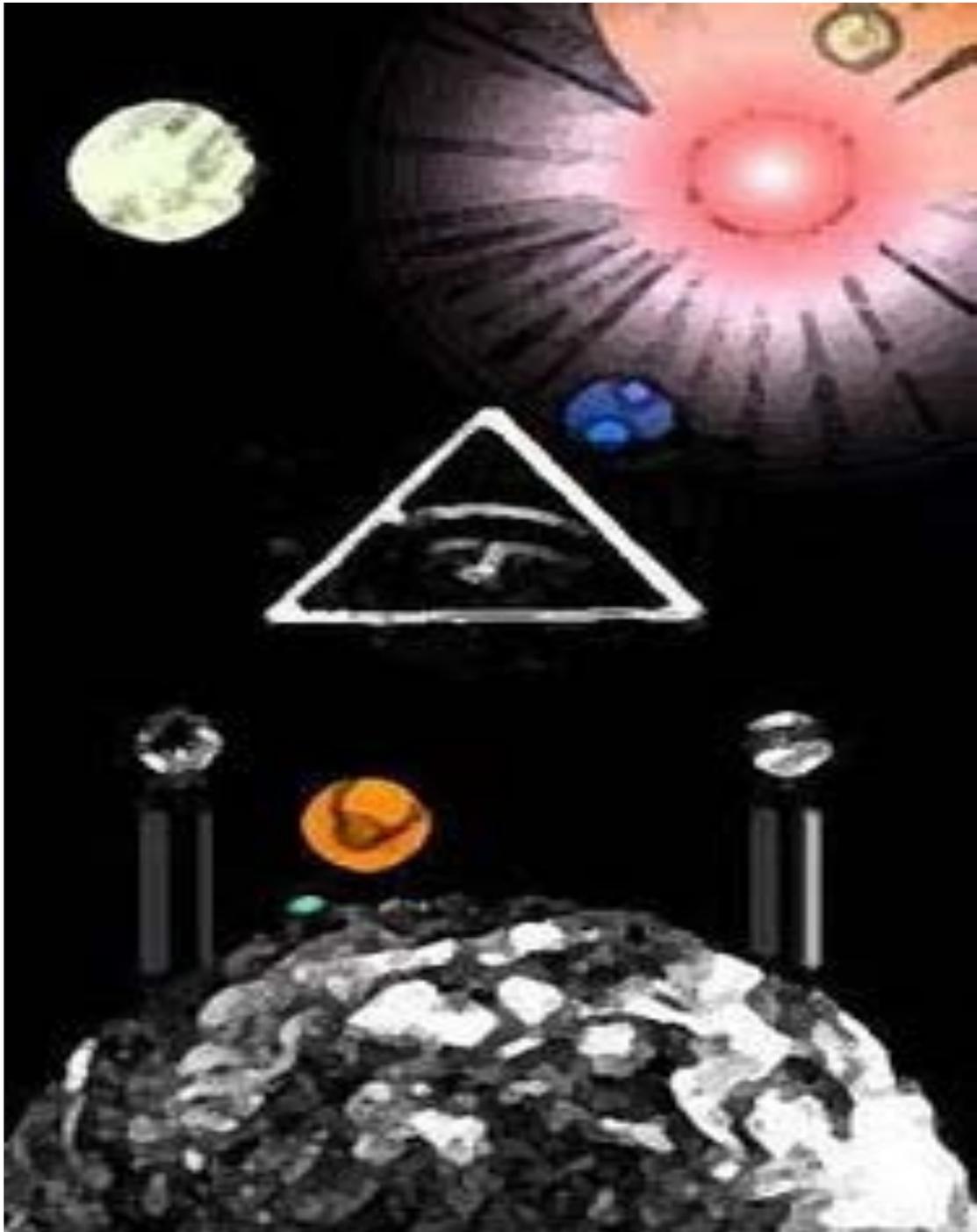


*Boletim Informativo da Federação Portuguesa
da Ordem Maçónica Mista Internacional "Le Droit Humain"*



*Ano 2 Edição N° 4
Dezembro, 2010*

Editorial

Aproximamo-nos do final de um ciclo que foi constituído pelos primeiros 3 anos de uma nova Federação com a correspondente autonomia. Por isso vamos ser chamados a eleger Deputados à Convenção Nacional, que terá lugar nos próximos dias 2 e 3 de Julho.

Como tal, devemos ter em mente que estes Deputados, bem como os actuais membros do Conselho Nacional que manifestarem disponibilidade, serão elegíveis para o próximo Conselho Nacional que vier a ser votado nesta Convenção.

Exorto, pois, todos os Irmãos e Irmãs Mestres a ponderarem bem sobre a participação na sua Respeitável Loja e na Ordem, e na importância de encontrarem disponibilidade para servir os seus Irmãos e Irmãs, a Federação e a Ordem, aceitando trabalhar no Conselho Nacional ou Comissões, se para tal forem escolhidos.

A participação regular na Loja, assíduos e empenhados, apresentando peças de arquitectura, quer

simbólicas, quer sociais, a intervenção nos debates e a disponibilidade e atenção como Oficiais, qualquer que seja o cargo, são simultaneamente um dever e uma forma de aprendermos e crescermos.

A participação nos eventos das outras Lojas Irmãs e da Federação, como nas Convenções e aniversários, por exemplo, não sendo naturalmente obrigatória, permite conhecer e ser conhecido pelos outros Irmãos e Irmãs. É, assim, mais fácil escolher e ser escolhido para Delegado à Convenção Internacional, Conselheiro Nacional, membro de Comissão, etc.



Em qualquer das actividades ligadas à nossa condição de Maçom, nunca devemos esquecer que tudo o que se faz dentro do Templo depois da Abertura dos Trabalhos, obedece a procedimentos ritualísticos e, mesmo algumas partes consideradas administrativas, como a apresenta-

ção de escusas com óbulo, a aprovação de actas, as eleições e instalações, por exemplo, devem ser realizadas com a mesma solenidade de todo o restante ritual.

O método ritualístico e iniciático, combinando modelos hierárquicos e democráticos, com a rotação de Oficiais, permite que o Venerável de então passa a simples Mestre, embora com o dever de ajudar pela experiência os mais novos para que venham um dia a ser também Veneráveis Mestres.



Finalmente, encorajo todas as Lojas a continuarem a dar particular atenção ao crescimento, com recrutamento cuidado, e, quando estáveis, equacionarem a criação de triângulos que possam vir a concretizar novas Lojas.

Contamos em breve disponibilizar um folheto de apresentação para auxiliar nesse trabalho.

Manuel Garrido
Presidente do
Conselho Nacional

Nesta Edição:

- ◆ Editorial
- ◆ Ritual de Recordação do M.: II.: I.: Jorge Gomes e Comemoração do Terceiro Aniversário da Federação Portuguesa
- ◆ Notícias
- ◆ Prancha Simbólica
- ◆ Prancha Social
- ◆ Biografia do M.: II.: I.: Jorge Gomes
- ◆ Arte Maçónica
- ◆ Do punho do Irmão...
- ◆ Poesia Iniciática
- ◆ Preceito Maçónico
- ◆ Ficha Técnica

Correio electrónico:

dhpt@sapo.pt

Página na internet:

droit-humain.org/portugal

Página internacional:

droit-humain.org



Cerimónia de Recordação do M.: Il.: I.: Jorge Gomes e

Comemoração do Terceiro Aniversário da Federação Portuguesa

A Cerimónia de Recordação do Muito Ilustre Irmão Jorge Gomes, último Muito Poderoso Grande Comendador da Federação portuguesa, foi presidida pelo Muito Respeitável Irmão Presidente da Federação Portuguesa e respectivo Conselho. Estiveram presentes o Muito Poderoso Grande Comendador da Federação espanhola e Grão Mestre Adjunto da Ordem; duas Muito Ilustres Irmãs em representação do Supremo Conselho; o Muito Respeitável Irmão Presidente da Federação francesa; um representante da Federação espanhola; dois Ilr.: da Federação francesa; membros do Conselho Federal da Grande Loja Feminina de Portugal; uma Muito Ilus-

tre Irmã em representação do Supremo Conselho Feminino de Portugal e, ainda, a filha e o genro do Muito Poderoso Grande Comendador, Muito Ilustre Irmão Jorge Gomes. Da Federação Portuguesa do Direito Humano, estiveram presentes os Veneráveis Mestres das Respeitáveis Lojas Fraternidade, União e Gaia; vários Irmãos e Irmãs das Respeitáveis Lojas Fraternidade, Athanor, Liberalitas, União e Adelaide Cabete. Procedeu-se ao ritual da Cerimónia de Recordação e, no final, vários Irmãos e Irmãs recordaram o Muito Ilustre Irmão, salientando a sua força, perseverança e o seu empenhamento na formação e no crescimento da Federação Portuguesa; foram também

recordadas, por alguns Irmãos e Irmãs, situações pessoais do seu contacto na vida profana com o Muito Poderoso Grande Comendador. Uma Irmã da Respeitável Loja Liberalitas leu o poema *Iniciação* de Fernando Pessoa; a Respeitável Irmã 2º Vigilante do Conselho Nacional distribuiu pelos presentes um folheto evocativo do Muito Ilustre Irmão falecido, assim como as trinta e três rosas que tinham sido depostas sobre o avental e restantes e restantes insígnias do Muito Poderoso Grande Comendador, durante a cerimónia. As intervenções foram muito emotivas.

♦ ♦ ♦

Após esta cerimónia, teve lugar a comemoração do terceiro aniversário da

Federação portuguesa, numa sala privada do Hotel Açores Lisboa. Esta comemoração realizou-se através de um Banquete Ritual, à semelhança do ano anterior, e foi conduzida pelo Conselho Nacional da Federação Portuguesa. Estiveram presentes Alguns dos Ilustres convidados estrangeiros do Direito Humano, e Irmãos e Irmãs de todas as Lojas da Federação portuguesa, que nesta altura têm sempre a oportunidade renovada de se reencontrarem ou, para os novos membros, de se ficarem a conhecer, num ambiente de solenidade, mas também de júbilo e confraternização pela continuação do crescimento da nossa Ordem em território português.

Entrevista com François Koch do blog *L'Express* - Dezembro de 2010

DIREITO HUMANO: “Quando frustrados, os Irmãos são iniciados imperfeitos!”, a 9 de Dezembro de 2010, pelas 18H22, por François Koch.

François Koch: “Nunca vi o Direito Humano tão em forma e dinâmico, tão optimista comunicando.”

O Grande Oriente de França (GODF) abre-se às Irmãs? “Isso convém-nos, confia-me Jacques Samouelian, o Presidente da Federação francesa do Direito Humano (FFDH). Isso permite-

nos dizer que a miscibilidade existe efectivamente... após 120 anos... no DH.”

No DH, o sexismo ou o machismo, não tem nenhuma parte bela, porque dois terços dos Irmãos são Irmãs. E Samouelian compartilha o ponto de vista do Grão-Mestre do GODF, Guy Arcizet, que acredita que a fraca proporção de mulheres (17%) na Franco-Maçonaria nos coloca um verdadeiro problema. A este respeito, ver o artigo de duas páginas

no *L'Express* ou em express.fr.

O DH adopta, por conseguinte, um discurso mais militante sobre a miscibilidade, nomeadamente para os homens: apenas 5,7% entre eles frequentam uma Loja mista. “Os homens que recusam a miscibilidade privam-se de uma abordagem dupla, afirma Jacques Samouelian, pedopsiquiatra no mundo profano. O seu percurso iniciático é perturbado pela dimensão pulsional [de atracção

pelos Irmãs]? Precisamente, a Maçonaria permite dominar a frustração, sublimá-la. Quando frustrados, os Irmãos são iniciados imperfeitos.”

droithumain-france.org



Bioética - Conferência pública “Gestação para outro” -22 Janeiro 2011

A não faltar: debate e conferência pública a 22 de Janeiro de 2011, pelas 14H00, sobre o tema “A gestação para outro”.

Rua Pinel, número 9 - 75013 Paris.

Um acontecimento proposto pela Comissão de bioética da Federação francesa do Direito Humano. Com a participação dos Professores René Frydman e Israël Nisand, de Francine Caumel Dauphin, Chris-

tian Byk, Jean Szpirko e Philippe Gaudin.

Inscrições e informações: contact@apfdh.org

droithumain-france.org

le Droit Humain
Fédération Française
Commission bioéthique
Conférence publique
LA GESTATION POUR AUTRUI

Avec la participation de
Fr. René Frydman - Syndicologue - Observatoire Gouvernemental des Usages de la Santé (OGUES)
Fr. Israël Nisand - Syndicologue - Observatoire au DH de Strasbourg
Francine Caumel Dauphin - Présidente de l'Organisation Nationale des Syndicats de Suppléants Femmes
et de
Christian Byk - Magistrat, Secrétaire général de l'Association Internationale de Droit, Ethique et Science
Philippe Gaudin - Psychanalyste - Membre de la Société de psychanalyse Freudienne
Philippe Caubet - Agrégé de philosophie, Responsable humanitaire de l'Unité Européenne en Sciences des Religions de l'École pratique des Hautes Études

Samedi 22 janvier 2011 à 14 heures
9 rue Pinel - 75013 Paris
Inscription nominative par courriel à : contact@apfdh.org

tel. +33 (0)1 48 48 42 42 - fax +33 (0)1 48 48 42 42 Site internet : www.droithumain.fr Courriel : contact@apfdh.org

Entrevista à Presidente e ao M.:P.:G.:C.: da Federação espanhola

Encontra-se disponível na página da Federação espanhola do Direito Humano, acessível em elderechohumano.org, a entrevista de Francisco Jiménez de Cisneros à Presidente da Federação espanhola, a M.:R.:I.: Paloma Martínez e ao M.:P.:G.:C.: da mesma Federação, o M.:I.: I.: Antonio Ceruelo, em que abordam o conteúdo do livro editado pela Fundação Maria Deraismes “Grandes Maestres, tenéis la pala-bra”. Durante a entrevista, são

também abordados temas como a expansão mundial do Direito Humano, a intervenção social dos seus membros, o património maçónico espanhol e a espiritualidade.

Uma entrevista muito interessante, a não perder.



Rogério Rodrigues falou sobre a história da Maçonaria no Museu do Ferro e da Região de Moncorvo

“Subsídios para a História da Maçonaria e dos Ideais Republicanos em Trás-os-Montes e Alto Douro” foi a conferência proferida pelo jornalista Dr. Rogério Rodrigues no passado Sábado, dia 13 de Novembro, no Auditório do Museu do Ferro e da Região de Moncorvo. Na mesa estavam presentes a Dra. Helena Pontes, Chefe de Divisão de Cultura e Turismo do Município de Torre de Moncorvo, O Dr. Rogério Rodrigues,

jornalista natural do concelho, e o Eng.º Afonso Calheiros e Menezes, Presidente do PARM (Projecto Arqueológico da Região de Moncorvo). A Dra. Helena Pontes, iniciou a palestra com a apresentação do orador, tomando de seguida a palavra o Dr. Rogério para introduzir o tema da maçonaria. Referiu alguns nomes de maçons a nível nacional e a nível internacional e nas mais variadas áreas. Posteriormente

falou sobre a maçonaria em Trás-os-Montes e Alto Douro referindo as pessoas que tiveram mais importância em Lamego, Torre de Moncorvo, Bragança, Vila Real e Vila Nova de Foz Côa. Explicou ainda a formação dos triângulos de Bragança, Mirandela e Torre de Moncorvo, este último criado após o decreto nº 73, em 1910. Enumerou ainda os seus principais fundadores e membros, assim com os nomes sim-

bólicos que adoptaram e o ano de iniciação na Maçonaria. O orador, de uma forma breve e envolvente, explicou a história da maçonaria da Região ao numeroso público presente.

torredemoncorvo.pt



“A Maçonaria e a República” em Alcanena



Alcanena recebe dia 14 de Dezembro, pelas 21h30 a conferência “A Maçonaria e a República”, galeria de exposições do cine-teatro S. Pedro. Integrada no programa de comemorações do Centenário da Implantação da República em Portugal, a Galeria de Exposições do Cine-Teatro São Pedro recebe, no próximo dia 14 de Dezembro, às 21:30h, a Conferência “A Maçonaria e a República”, com o conferencista António Lopes, director do Museu Maçónico Português. António Lopes possui o Mestrado em História do

século XX com a tese subordinada ao tema “A Maçonaria Portuguesa e os Açores 1792-1935”. É Director da revista “Grémio Lusitano”, Presidente da Associação Portuguesa de Arte Fotográfica e Director da Escola de Fotografia da Associação Portuguesa de Arte Fotográfica, sendo também coordenador pedagógico e professor de Fotografia e História da Fotografia em diversas entidades públicas e privadas. António Lopes é ainda autor de diversas obras sobre a Maçonaria e a Fotografia. Esta conferência, integrada no Ciclo de Conferências “Quem Fez a República”, foi programada com o apoio da Fundação Mário Soares.

oribatejo.pt

Revoltar para Resistir: A Maçonaria em Almada (1898 - 1937)

O Centro de História da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e a Câmara Municipal de Almada têm o prazer de o/a convidar para a sessão de lançamento da obra *Revoltar para Resistir: A Maçonaria em*

Almada (1898 - 1937), da autoria do Professor Doutor António Ventura, no próximo dia 21 de Dezembro, pelas 21h30, na Oficina da Cultura em Almada.

primeirarepublica.org



Prancha Simbólica

A Água, Vida e Simbologia

Águas esculpidas
descendentes
(na fonte transparentes)
em sinuosos leitos sibilinos
que se rasgam desabridas
e que tudo inundam
com os seus lamentos.
Os seus tentáculos de ervas
musgo e pedra
e o odor a alecrim e serrania
respiram de esperança
com o fragor ruidoso
da sua alegre dança

A água é um dos quatro elementos da natureza e é formada por dois átomos de hidrogénio (H₂) e por um átomo de oxigénio (O), formando assim a molécula H₂O.

É um elemento vital primordial. Foi ela que deu origem à vida e a mantém, sem ela nenhuma espécie, vegetal ou animal, incluindo o Homem, poderia sobreviver.

Trata-se de um elemento líquido, incolor, inodoro, mas, ao contrário do que se afirma, não é insípido, pois de região para região, ou mesmo de local para local, o seu gosto varia devido às suas propriedades: cálcio, ferro, sais minerais, e outros. Daí que muitos prefiram a Água de Luso à Água de Cruzeiro, a Água Vitális à Água de Caramulo.

O corpo humano é composto por cerca de 67% de água, a qual é indispensável ao seu bom funcionamento. O plasma, que compõe o nosso sangue, para além dos glóbulos vermelhos, glóbulos brancos e plaquetas é constituído por cerca de 95% de água. Se ocorrer uma desidratação, esta pode provocar uma diminuição do volume total do sangue, a chamada hipovolémia, comprometendo, assim, as funções vitais do organismo.

Os ossos, que é a estrutura mais dura do nosso corpo e com menor percentagem de água, são constituídos por cerca de 20% desta.

No sistema nervoso, que funciona por reacções químicas e impulsos eléctricos, só possíveis em meio aquoso, uma ingestão insuficiente de água pode provocar falta de concentração, irritação e maus estados de humor.

A Água é um princípio feminino e passivo, em oposição ao Fogo e ao Ar que são elementos masculinos e activos.

Segundo Tales e Anaximandro, dois filósofos gregos, todos os seres vivos vieram da água. Esta teoria é ainda hoje é corroborada por alguns cientistas.

O que não há dúvida, independentemente de qualquer filosofia ou crença religiosa, é que o ser humano nasce na água, pois ao fim de duas semanas de gravidez forma-se a bolsa amniótica que, inicialmente, é apenas água proveniente da mãe, mas ao fim de algum tempo passa a ser constituída essencialmente por urina do embrião, ou seja, água também.

O feto flutua nesta água permitindo-lhe liberdade de movimentos, ficando assim protegido contra choques mecânicos e térmicos.

O “rebentar das águas”, termo popularmente utilizado, significa que a bolsa amniótica se rompeu e que o parto está prestes a começar.

É a partir desta água que é feita a amniocentese, técnica de diagnóstico pré-natal, já que em suspensão se encontram células fetais, a partir das quais será possível verificar as anomalias cromossomáticas ou genéticas.

Durante a gravidez há um aumento do peso da mãe que em parte é apenas água.

A Água é purificadora e é regeneradora, símbolo de dualidade, do alto e do baixo, água das chuvas, água dos mares.

No Antigo Testamento, em Génesis (1.2), há referência ao *espírito de Deus que pairava sobre as águas*. No momento da criação Deus terá separado as águas superiores das águas inferiores.

Nas tradições mais antigas as suas significações simbólicas tiveram lugar de relevo. No Egipto foi Osíris, deus do rio Nilo; na Grécia antiga era Afrodite, nascida da espuma

**“A ÁGUA É UM
PRINCÍPIO
FEMININO E
PASSIVO, EM
OPosição AO
FOGO E AO AR
QUE SÃO
ELEMENTOS
MASCULINOS E
ACTIVOS.”**

Prancha Simbólica

do mar; em Roma foi Neptuno, deus dos oceanos.

Na Ásia significa a origem da vida e é o elemento da regeneração corporal e espiritual, é o símbolo da fertilidade e da pureza, da sabedoria, da graça e da virtude. “Tudo era água”, “as vastas águas não tinham margens”, consta nos textos hindus. Rituais religiosos eram celebrados no sagrado rio Ganges.

No Tao Te Ching Lao-Tse diz que “a água é o emblema da suprema virtude”. “Ela é o símbolo da sabedoria, pois não há obstáculos que a detenham”. Ela é yin, feminina, em oposição ao yang que é fogo e masculina.

Para os vietnamitas do sul a água é um símbolo de fecundidade e fertilidade, “é um dom do céu”, dizem, “a água do céu faz o arrozal”.

Para a tradição indígena brasileira a água, juntamente com o ser humano, os animais, as plantas e todo o meio ambiente fazem parte do ecossistema. “Sempre soubemos o valor da água para beber, limpar a pele, higienizar. Sempre celebrámos a chuva. Nunca ofendemos o Grande Criador, alterando a velocidade, o volume ou a forma dos rios em nome do progresso”, disse o líder indígena Marcos Terena, fundador da União das Nações Indígenas.

“A ÁGUA É

Nos cultos de origem africana, divindades como Iemanjá reinam sobre as águas. Ela designa signos do horóscopo, juntamente com a terra, o fogo e o ar.

UTILIZADA NAS

Na mitologia africana Yoruba, a dona do mar é Olokun, que é mãe de Yemojá, que por sua vez é referida como sendo a rainha do mar em várias tribos africanas.,

CERIMÓNIAS DE

Na tradição muçulmana, o Alcorão considera a água que cai do céu como um dos signos divinos. Consta neste livro sagrado que “a prece ritual só poderá ser cumprida quando aquele que ora se purifica pela água”. Os muçulmanos lavam o rosto, os pés e as mãos antes de entrarem nos templos.

INICIAÇÃO E

CORRESPONDE A

Para os católicos a água do baptismo purifica e retira o pecado original. À entrada dos templos e igrejas católicas existem pias em pedra com a chamada “água benta”, onde os crentes molham os dedos da mão direita e tocam na testa, no peito e em ambos os ombros, a que chamam o sinal da cruz. Esta prática tem vindo a ser desaconselhada e posta de parte, devido ao risco de propagação de doenças.

UM DOS

MOMENTOS DE

UMA DAS

VIAGENS EM QUE

A Água serve para purificar e é utilizada em várias religiões no acto do baptismo, quer por imersão, quer por aspersão, vertida sobre a cabeça do indivíduo, como sucedeu com Jesus no rio Jordão, quando foi baptizado por João Baptista. Neste caso significa a descida do espírito sobre a matéria.

O CANDIDATO É

A água é utilizada nas cerimónias de iniciação e corresponde a um dos momentos de uma das viagens em que o candidato é lavado das suas impurezas.

LAVADO DAS

SUAS

IMPUREZAS.”

Na tradição judaica as águas superiores e as inferiores significam a segurança e a insegurança, as águas masculinas e as águas femininas, ligando-se assim a um simbolismo universal.

Jesus utiliza o simbolismo da água no seu diálogo com a samaritana. “Quem beber da água que eu lhe der jamais terá sede...a água que eu lhe der tornar-se-á nele uma nascente a jorrar para a vida eterna”.

A água, em algumas passagens do Novo Testamento, reveste-se de um sentido de eternidade “quem bebe desta água viva participa desde já na vida eterna”, pode ler-se em João, 4, 13-14.

Ainda em João, 3, 3-7, a água é símbolo de regeneração, “a água baptismal conduz explicitamente a um novo nascimento”.

No símbolo do Zodíaco a figura que representa o Aquário segura dois recipientes que derramam água, embora esta seja totalmente etérea e aérea, mais destinada a saciar a alma do que o corpo.

A Fénix egípcia, ave mitológica de origem etíope, que tem o poder, depois de ter sido consumida pelo fogo, de renascer das próprias cinzas, daí ser conhecida por Fénix Renascida, estava associada ao ciclo anual das cheias do Nilo.

A Água é um elemento regenerador e criador, mas também destruidor. O Antigo Testamento faz, por diversas vezes, alusão à água como elemento destrutivo. Deus terá utilizado a água, provocando o dilúvio, para aniquilar todos os seres humanos, com

Prancha Simbólica

excepção de Noé e sua família.

O dilúvio aparece descrito, com muitos aspectos comuns, nas civilizações hebraica, grega, hindu, babilónica e inca.

Já em 2700 a.C., na Epopeia de Gilgamés, que influenciou em grande parte a Bíblia, há referência a chuvas torrenciais que tudo destruíram e a que chamaram *dilúvio*.

Ainda na mitologia egípcia, Alcione desposou Ceice, o filho do astro da manhã, e eram tão felizes que atraíram a vingança dos deuses que os transformaram em pássaros e os ninhos, construídos perto das águas, são constantemente destruídos pelas ondas. No entanto, Zeus por piedade acalma o mar sete dias por ano, antes e depois do solstício de Inverno. É durante esta acalmia que Alcione choca os seus ovos.

A Água pode destruir e engolir tudo o que lhe aparecer pela frente. Os maremotos, os tsunamis, as trombas de água, as grandes cheias provocadas por chuvas diluvianas são disso o exemplo.

Associado à Água está o símbolo “A Filha do Rei”, cujo tema se encontra em quase todas as tradições.

Moisés foi metido numa cesta de vime e posto ao sabor das águas do rio Nilo, tendo sido descoberto pela filha do faraó (o mesmo que filha do rei) que fora banhar-se no rio. Muito antes de Moisés existem muitas histórias análogas. Os gémeos gregos Neleu e Pélias, metidos numa caixa de madeira foram abandonados no mar e mais tarde encontrados pela própria mãe, a filha do rei Élide.

A “Filha do Rei” é o símbolo da protecção inesperada que vem em socorro do homem ameaçado pelas águas.

Os romanos acreditavam que existia um rio chamado Letes que apagava todas as lembranças da memória de quem o atravessasse.

Às margens do nosso Rio Lima chegaram um dia, por volta de 135 a.C., as legiões romanas comandadas por Decios Junios Brutus. A beleza do lugar fê-las julgarem-se perante o lendário Rio Letes, pelo que os soldados se negaram a atravessá-lo. Então, empunhando o estandarte das águias de Roma o comandante chamou da outra margem a cada soldado pelo seu nome, assim lhes provando não ser esse o rio do esquecimento.

Federico Garcia Lorca, dramaturgo espanhol, assassinado pelas tropas franquistas, em cujo teatro utilizou variadíssimos símbolos, foi inspirado pela água na sua tragédia “Yerma”. A mulher, que não consegue ter filhos porque o seu marido é estéril, é comparada ao deserto que é estéril por falta de chuva.

O cientista japonês, Masaru Emoto, descobriu que as moléculas de água são afectadas pelas nossas palavras.

Segundo as suas experiências quando a água é exposta a certas expressões como “és linda”, ou “amor” ou “gratidão” forma-se um cristal maravilhoso ao congelá-la. Por outro lado, se dirigisse à água palavras como “és parva” ou “és estúpida” os cristais apareciam deformados e partidos.

Em conversas que tive com um irmão nosso que me orientou neste trabalho, recordo-me que lhe pus a questão que há muito me intrigava, que é o fabrico de medicamentos homeopáticos. Segundo o processo do alemão Samuel Haneman, também ele maçom, uma parte do produto que serve de matéria-prima, ou seja, a chamada tintura mãe, é dissolvido em dez partes de água, e depois de agitado, uma parte deste é novamente dissolvido em dez partes de água. E assim sucessivamente até cinquenta vezes. Ora como é possível esse produto ser eficaz? O nosso irmão respondeu-me: - porque a água tem memória.

De facto, Masaru Emoto, o cientista que eu há pouco citei, diz que “a água possui memória e transporta consigo os nossos pensamentos e emoções”.

Para terminar, podemos concluir que a água pode ser vista de dois planos distintos e opostos, e essa ambivalência coloca-se a todos os níveis. A água é fonte de vida e de morte, criadora e destruidora.

B. M.

R.: L.: Athanor

**“A ÁGUA PODE
SER VISTA DE
DOIS PLANOS
DISTINTOS E
OPOSTOS, E ESSA
AMBIVALÊNCIA
COLOCA-SE A
TODOS OS NÍVEIS.
A ÁGUA É FONTE
DE VIDA E DE
MORTE,
CRIADORA E
DESTRUIDORA.”**

Prancha Social

Direitos e Liberdades

A Liberdade Fundamental

Todos nós, no mundo ocidental ouvimos falar da Declaração dos Direitos do Homem, no entanto poucos sabem realmente viver estes Direitos ou mesma mencioná-los de forma realmente compreensível e compreendida.

“A LIBERDADE
NÃO EXISTE SE
NÃO FORMOS

Adoptada como Resolução pelas Nações Unidas na sequência, e como consequência, da reflexão que foi feita após a Segunda Guerra Mundial. Esta contém no seu preâmbulo as Quatro Liberdades, definidas pelo nosso Il.º e Resp.º. Ir.º. Franklin Delano Roosevelt que via nestas o fundamento para a criação de um mundo seguro.

LIVRES NO NOSSO
INTERIOR, SE NÃO
PERCORRERMOS
O CAMINHO DO
AUTO-
CONHECIMENTO E
DA REFLEXÃO
SOBRE NÓS
MESMOS E DA
NOSSA RELAÇÃO
COM OS OUTROS.”

As Quatro Liberdades

A primeira delas é o **direito ao uso da palavra e à livre expressão**

A segunda é a liberdade de **cada um celebrar Deus à sua maneira**

A terceira é **estar livre das necessidades**

A quarta é **estar livre do medo**

Estas quatro liberdades são hoje fundamentais, tal como o foram no início do Século XX. No entanto, é sobre a última que me ocorre a maior reflexão. A liberdade de usar da palavra, de nos manifestarmos, de celebrarmos Deus à nossa maneira, ou de não celebrarmos Deus mas a Humanidade, e a liberdade de viver sem a dependência dos bens materiais para além dos básicos que sustentam a vida, só existem se estivermos livres do medo.

O nosso Il.º e Resp.º. Ir.º. Roosevelt afirmou: "A única coisa de que temos que ter medo é do próprio medo".

Esta visão, enfatizou ele, não é para um milénio distante, mas sim a base definitiva que permite criar um mundo que será a antítese daquele em que prevalece a ignorância e a tirania, aquele mundo que todos os candidatos a ditadores, sejam eles grandes ou pequenos, esperam criar através do nosso medo.

A liberdade não existe se não formos livres no nosso interior, se não percorrermos o caminho do auto-conhecimento e da reflexão sobre nós mesmos e da nossa relação com os outros.

Mas, aos direitos estão sempre associados os deveres, um facto que hoje temos muita tendência para esquecer. Não poderá haver um direito sem que um dever lhe esteja associado. A minha liberdade acaba onde começa a dos outros e por isso a liberdade de todos é um dever que tem que ser assumida por cada um de nós.

Não ser reconhecido que cada um de nós tem deveres para com os outros e para

Prancha Social

consigo próprio, leva muita gente a querer receber sem dar nada em troca. Há tendência por parte de muitos homens e mulheres a tomar tudo como garantido e muitas vezes esta presunção é levada ao extremo, tornando as pessoas dependentes dos outros sem que de tal se apercebam e, portanto, sem se aperceberem que perderam o seu bem maior: a Liberdade.

Quanto ao dar e ao dar-mo-nos... já várias vezes foi objecto de debate com vários Ilr.: e Ilra.: e uma nossa Querida Ira.:, Margarida Morgado, costuma referir-se à “Economia da Vida” dizendo “quantas vezes damos sem que sejamos retribuídos e mais tarde vimos a receber de alguém a quem nunca demos nada”. É outra forma de expressar uma verdade transmitida através da sabedoria popular “faz bem sem veres a quem”.

Nós enquanto Maçons temos a obrigação de conhecer e de lutar pelo cumprimento tanto dos direitos quanto dos deveres, só podendo começar connosco próprios, desbastando a pedra bruta e continuando a desbastá-la e a poli-la ao longo de toda a nossa vida. Ao assumirmo-nos como Maçons assumimos a responsabilidade de trabalhar para o bem da Humanidade e esse propósito começa sempre pelo trabalho sobre nós próprios.

Uma grande Amiga a quem devo muito do meu percurso, Maria Beatriz Serpa Branco, dizia-me desde muito cedo: “Tu não podes mudar o mundo, apenas a ti própria, mas ao mudares-te a ti própria, estarás a mudar o mundo!” Demorei tempo a perceber esta verdade tão simples, mas hoje é ela que me move na vida, quer enquanto Maçom, quer na minha vida profana.

No entanto é ao manifestarmo-nos face às injustiças e ao trabalhar e dar o melhor de nós mesmos em cada situação, que estaremos a exercer a maior das liberdades, a liberdade de ser um Ser humano na verdadeira acepção da palavra. Mas, para que tal aconteça, teremos que encontrar no nosso íntimo a Liberdade Fundamental... a ausência de medo.

Maria João Figueira

R.: L.: Liberalitas

“É AO
MANIFESTARMO-
NOS FACE ÀS
INJUSTIÇAS E AO
TRABALHAR E DAR
O MELHOR DE NÓS
MESMOS EM CADA
SITUAÇÃO, QUE
ESTAREMOS A
EXERCER A MAIOR
DAS LIBERDADES,
A LIBERDADE DE
SER UM SER
HUMANO NA
VERDADEIRA
ACEPÇÃO DA
PALAVRA.”

Jorge Gomes (1948-2010)

Baptizado com o nome Jorge Manuel Ferreira Lopes Gomes, o nosso Muito Ilustre Irmão nasceu no dia 1 de Janeiro de 1948, em Leiria. Filho de um militar, viveu os primeiros anos no Porto e depois em África, seguindo as colocações do pai, até aos 16 anos. Regressando ao continente vai viver para a Figueira da Foz onde, durante os anos 70, vem a conhecer a nossa Ilustre Irmã Maria da Graça Gomes com quem veio a casar, tendo uma filha. Na altura da sua passagem ao Oriente Eterno tinha duas netas e um neto.

Os seus estudos superiores de engenharia são feitos em Coimbra e terminados em Lisboa no Instituto Superior Técnico. Mais tarde vem a tirar um Mestrado em Gestão.

A sua vida profissional foi desenvolvida sobretudo na *Setenave* em Setúbal, onde trabalhou mais de 20 anos.

Depois, exerceu outras actividades na área da gestão e o seu último trabalho foi o de Director dos Serviços de Aprovisionamento do Hospital da Almada, de onde se tinha reformado, devido à doença que durante vários anos combateu valorosamente. Uma das características de realçar do Irmão Jorge, era a sua não desistência e não resignação perante adversidades, pois a grave doença que teve e à

qual acabou por sucumbir, não sem uma extraordinária luta, não foi a única barreira com que se deparou na sua vida profana, sempre resistindo superiormente. Interessado desde muito cedo nas matérias tradicionais e simbólicas mesmo muito antes de ingressar na maçonaria, já o Irmão Jorge trabalhava no ideal de Serviço à Humanidade. Estudioso das temáticas, teosóficas, eubióticas, rosacruz, cabalísticas e muitas outras, quem com ele privava não passava muito tempo sem que ele abordasse estes assuntos que sempre o fascinaram.

Entrei com o Irmão Jorge e um grupo de Irmãos e Irmãs para a maçonaria em 5 de Outubro de 1984, data em que fomos iniciados, e no dia seguinte elevados a Mestre e como membros fundadores participámos no levantar de colunas da Respeitável Loja Athanor a Oriente de Lisboa.

Já o conhecia há alguns anos, partilhámos antes e depois ideais espiritualistas e, naturalmente, por pertencermos à mesma Loja fizemos todo o percurso maçónico com proximidade.

Nos difíceis dias dos anos 80 em que o desenvolvimento da nossa Ordem em Portugal, na então Jurisdição Ibérica, foi bem complexo, entre outras coisas por falta de um espaço para

trabalhar regularmente, alguns Irmãos e Irmãs persistiram e o nosso Irmão Jorge veio a ser o Venerável da sua Loja durante 5 anos, imediatamente a seguir à 1ª Venerável, fundadora da Loja. Foi membro fundador da Respeitável Loja Liberalitas a Oriente de Évora e mais tarde da Respeitável Loja União a Oriente de Alcobaça.

Nos Ateliers de altos Graus o nosso Muito Ilustre Irmão participou na Fundação em 1992 do Soberano Capítulo e depois em 1995 na criação do Sublime Areópago de quem foi o primeiro Presidente. Naturalmente quando a Loja de Perfeição levantou colunas em 2002, também foi um dos seus fundadores.

Com uma assiduidade exemplar, mesmo muito doente, raramente faltava a uma reunião de Loja ou outro trabalho maçónico.

Na Jurisdição portuguesa dirigida pela Muito Ilustre Irmã Jacqueline Aucouturier, desempenhou o cargo de secretário e posteriormente com a criação do primeiro Conselho da Jurisdição portuguesa, desempenhou o cargo de Presidente.

Nas Convenções Internacionais de 1990, 2002 e 2007 foi o Delegado da Jurisdição Portuguesa, sendo que nesta última já desempenhava o cargo de Delegado do Supremo Conselho.



*A morte é a curva da estrada,
Morrer é só não ser visto.
Se escuto, eu te oiço a passada
existir como eu existo.*

Fernando Pessoa

Com a passagem da Jurisdição a Federação é nomeado Representante do Supremo Conselho junto da Federação e, alguns meses depois, é designado como membro do Supremo Conselho, passando a ser o Muito Poderoso Grande Comendador da Federação portuguesa.

O Muito Ilustre Irmão Jorge Gomes ficará para sempre ligado à criação da Federação portuguesa em 2007, quer pelas funções que desempenhava, quer por ter sido um dos Irmãos e Irmãs que se empenhou em conseguir as condições necessárias, incluindo a actual sede.

Foi com muito gosto que recebi o pedido para fazer esta singela biografia, que também é uma pequena homenagem ao Irmão Jorge Gomes.

Manuel Garrido

Arte Maçónica - *A Estátua da Liberdade*

Situada na entrada do porto de Nova Iorque ergue-se um dos mais importantes símbolos da liberdade americana: a Estátua da Liberdade. Esta estátua foi uma oferta de França aos Estados Unidos como um símbolo de amizade mútua.

O seu desenhador, um Franco-Maçom, foi o Irmão Frederic A. Bartholdi (1834-1904), que concebeu o seu desenho aquando de uma visita à América. Enquanto o seu navio entrava em Nova Iorque, Bartholdi imaginou uma mulher de pé num pedestal, empunhando uma tocha e dando as boas-vindas aos imigrantes que chegavam para uma vida nova num país livre. O Irmão Gustave Eiffel foi também responsável pela estátua, juntamente com o Irmão Bartholdi. O Irmão Eiffel desenhou e construiu a grelha de suporte da estátua que mantém no seu lugar a folha de cobre exterior.

Frederic Bartholdi foi um dos primeiros membros da Loja *Alsace-Lorraine* (iniciado em 14 de Outubro de 1875), em Paris, era uma Loja composta por proeminentes intelectuais, escritores e representantes governamentais.

Quando a sua famosa "Liberdade Iluminando o Mundo" foi comprada, Bartholdi reuniu a sua Loja para a rever, antes de ser mostrada ao comité americano. Em 19 de Junho de 1884, todos os membros da Loja se deslocaram para fazer uma última revisão à sua obra-prima, como se de uma peregrinação se tratasse.

Em 4 de Julho de 1884, a estátua terminada foi apre-

sentada ao Embaixador americano em Paris, Levi Morton.

Em 5 de Agosto do mesmo ano, o então Grão-Mestre em Nova Iorque, William A. Brodie, depositou a pedra angular do pedestal da estátua da "Liberdade Iluminando o Mundo" com uma cerimónia maçónica completa.

Em 13 de Novembro de 1884, Bartholdi apresentou uma palestra e entregou à Loja um relatório com a

"The New Colossus"
por Emma Lazarus

Not like the brazen giant of Greek fame,
With conquering limbs astride from land to land;
Here at our sea-washed, sunset gates shall stand
A mighty woman with a torch, whose flame
Is the imprisoned lightning, and her name Mother of
Exiles.

From her beacon-hand
Glow world-wide welcome; her mild eyes command
The air-bridged harbor that twin cities frame.
"Keep, ancient lands, your storied pomp!" cries she
With silent lips. "Give me your tired, your poor,
Your huddled masses yearning to breathe free,
The wretched refuse of your teeming shore.
Send these, the homeless, tempest-tost to me,
I lift my lamp beside the golden door!"



*A Estátua da Liberdade, desenhada pelo
Irmão Frederic A. Bartholdi, 1884*

história e os vários métodos utilizados na execução da estátua. Mais uma vez, a Loja testemunhou a emoção de Bartholdi quando este voltou da sua visita aos Estados Unidos, em 1887, contando a recepção fogueira de que foi alvo e do vasto entusiasmo gerado pela sua obra. A Dama Liberdade era o ponto focal de ondas de imigrantes que se dirigiam de todo o mundo à costa dos Estados Unidos. O primeiro vislumbre que tinham da Estátua era algo que nunca esqueceriam, pois simbolizava o final da pobreza e da opressão e o início de uma nova esperança.

O "cadinho" da América foi criado por milhões de imigrantes que sabiam que a liberdade e a oportunidade lhes estavam abertas no Novo Mundo, que eles próprios ajudaram a construir e estabelecer desde o Atlântico ao Pacífico.

França providenciou cerca de 300 mil euros para a estátua de 46 metros e a recolha de fundos nos Estados Unidos rendeu 202 mil euros para o pedestal de 27 metros.

A poetisa americana Emma Lazarus viu a estátua como um farol para o mundo. Um poema que escreveu para ajudar a angariação de fundos para o pedestal, e que aí se encontra gravado, reteve o que a estátua veio a significar para milhões de pessoas que migraram para os Estados Unidos em busca de liberdade e que continuam a fazê-lo até ao presente.

Do punho do Irmão... Rui Arimateia

Évora Terra Mistérica

Uma História...

Terá sido por altura dos primórdios do Renascimento Eborense que eventualmente terão sido produzidas as cenas iconográficas das assim denominadas "Casas Pintadas", mais concretamente do Claustro, cuja entrada se fazia pela antiga Rua do Coudel-Mor (hoje Travessa das Casas Pintadas). É interessante referir que as pinturas que deram origem ao topónimo Rua das Casas Pintadas (hoje Rua de Vasco da Gama) já nos finais do século XIX eram memória segundo nos referiu Felipe Simões, que já não as viu in loco.

Há uns tempos estando eu numa das frequentes visitas àquele local mágico, apreciando mais uma vez as pinturas a capela, o jardim o ar que se respira, o silêncio, a paz..., aparece uma outra visita. Era um senhor de uma certa idade já avançada, de rosto e postura nobres mas de uma simplicidade a toda a prova, que constatei quando me dirigiu a palavra e estivemos um bom bocado a conversar sobre aquele tesouro que se desocultava perante nós.

Sabe – disse-me ele –, para a fundação de Évora, criou-se um mundus onde a terra dos antepassados dos fundadores ficou depositada o que por sua vez transformou a Évora-em-devir num espaço sacralizado. Nesse mundus ficaram igualmente concentradas todas as forças anímicas, benéficas e maléficas, que são parte constituinte daqueles fundadores míticos – materializadas e manifestadas nos seus desejos mais íntimos, nas suas aspirações mais profundas, nas suas crenças e mais sinceras convicções, na sua força interior, para o bem e para o mal.

Com o decorrer dos séculos – continuou o intrigante personagem – aquele espaço sagrado de criação e de construção foi profanado e do mundus libertaram-se forças poderosas e terríveis. A Acrópole continuou a receber e a assumir os espaços sagrados e sacralizados das diferentes religiões – naturalistas, deístas, muçulmanos e pagãos – e todas privilegiaram daquele espaço. Até aos nossos dias chegaram-nos o Templo Romano profanado, mas também a extraordinária obra dos construtores medievos, que é a Catedral de Santa Maria.

Contudo, com as forças, anteriormente concentradas no mundus, libertadas e em livre movimentação pela cidade, os hierofantes cristãos conseguiram dominar e fixar pictoricamente estas energias elementais num pequeno claustro, que nos séculos XV e XVI foi património dos Coudeis-Mor e Capitães da Cidade de Évora, da família Silveira-Henriques, cujo brasão ainda podemos observar num fecho de abóbada existente na capela anexa ao claustro. Visão extraordinária a daqueles bestiários cristalizados no local – desde a hidra a monstros alados até ao bestiário tradicional do Alentejo.

EVORAOCULTA

“Espaço de partilha e encontro sobre o que importa
mas não se vê, não se sabe, não se diz de Évora;
sobre as suas Histórias, sobre os seus cidadãos,
sobre as suas Demandas ao longo de milénios... ten-
do como objectivo atingir a Pax Profunda”

Poesia Iniciática

Ritual

Por sinais e palavras te conheço

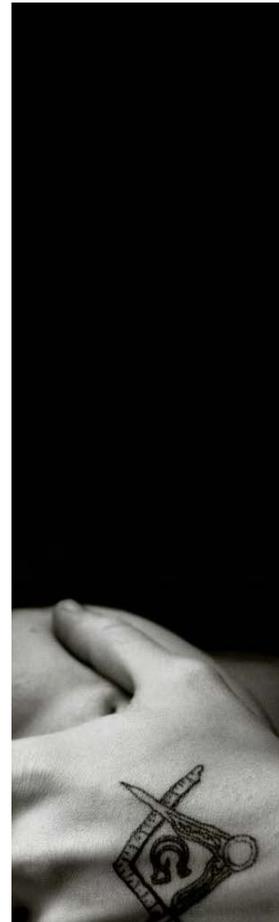
e decifro a tua condição.

Vem que te mereço,
meu amigo e meu irmão.

Soletra a palavra fecunda,
letra a letra, sem rubor nem medo.
Diz a primeira, que eu direi a segunda,
é nosso e só nosso este segredo.

E assim, renovado o juramento
sob a grande ogiva intemporal,
seremos a pedra e o cimento
do novo mundo, livre e fraternal.

António Arnaut



Preceito Maçónico

“Os teus actos, e não os teus conhecimentos, é que determinam o teu valor.”

Johann Fichte

Editor de Publicação:
Manuel Garrido

Comissão de Publicação:
Raquel Reininho
Ricardo Freitas

Colaboração:
B. M.
Ilda Batista
Maria João Figueira
Pedro Horta
Rui Arimateia

**Contacto para sugestões e
colaborações:**
boletimfederacaodh@gmail.com

O Ordem Maçónica Mista Internacional “Le Droit Humain” em Portugal

A Ordem Maçónica Mista Internacional LE DROIT HUMAIN teve duas fases da sua existência em Portugal.

A primeira fase histórica na 1ª República foi liderada pela Dra Adelaide Cabete, insigne lutadora pela causa da Igualdade entre o Homem e a Mulher, Venerável Mestre de uma Loja feminina, a Loja Humanidade, dentro da então estrutura do GOLU (Grande Oriente Lusitano Unido), retirou-se do mesmo, ao ser-lhe exigido que ficasse mas como Loja de Adopção, isto é, sem os plenos direitos que antes detinha em igualdade com as Lojas masculinas, e pediu a admissão na nossa Ordem. Após a admissão, criou outras Lojas dando assim origem à Jurisdição Portuguesa de que foi Presidente. Após a Revolução de 28 de Maio de 1926, com a instauração do Regime ditatorial do Estado Novo o Direito Humano desaparece em Portugal. Em 1980 um grupo de profanos de Lisboa foi iniciado e constituiu uma nova Loja a que deu o nome de "Humanidade" em homenagem à criada em 1923, e, deu-se início a um novo ciclo. Em 1983 foi criada no Porto a Loja "Fraternidade", em 1984 a Loja "Athamor" em Lisboa, em 2000 a Loja "Liberalitas" em Évora, em 2002 a Loja "União" em Alcobaça e em 2003 a Loja "Gaia" em Vila Nova de Gaia e a Loja "Adelaide Cabete" em Braga. Existem, ainda três ateliers de Altos Graus: uma Loja de Perfeição "Sete Colinas", um Capítulo "Rosa Lusitana" e um Areópago "Porto do Graal".

Na capa

*"Não há no mundo mais do que um templo...
Nele cabem todos os Homens e todas as Mulheres do Universo.
Não é difícil encontrá-lo. Não se esconde nas montanhas do Oriente,
nem nos vales do Ocidente.
Para o encontrar, busca por aquele ponto que fica entre o Zenith e
o Nadir, entre o Ocidente e o Oriente, entre o Norte e Sul.
Aí... precisamente aí onde te encontras... o encontrarás."*

Pedro Horta

A fotografia da capa é da autoria do Irmão Pedro Horta e o seu trabalho pode ser visto em www.fotodecartao.blogspot.com

